

GID Journal

**International Journal for Gender Identity Disorder
Research**



Volume 3, Number 1, 2005

ISSN 1806-0552

Owned and Copyrighted by Gendercare GID Clinic. All rights reserved.

GID Journal

International Gender Identity Disorder Research Journal

Edited by

Gendercare Gender Clinic

and

GIGS- International GID Education and School

Editor & Director

Waleria Torres, M.S., Ph.D.

Copyright ©2003-2005, Gendercare. All rights reserved

Volume 3, Number 1, 2005

Rio de Janeiro, Brazil

Index

Editorial

The Future of Gendercare Game Tests

O Futuro dos Game tests da Gendercare para Crianças

Articles

***Edição Especial sobre os dois primeiros cursos introdutórios
de Dra. Torres, W, MS proporcionados pela
GIGS- GID School
Pela Web, no site Gendercare.com***

Ser Homem ou Ser Mulher: Eis a Questão 7

Um Novo Paradigma para a Formação da Identidade de Gênero.....22

*Um Novo Paradigma para definir o que é Ser Homem ou Ser Mulher
.....42.*

Editorial

The Future of Gendercare Game Tests

Up until today we started the creation of Ways & Dreams 1.0 and 1.1 versions, for free download.

The child downloads freely the game test from Gendercare.com and plays... but we may not directly receive the results and scores, with the test results, **if the parents did not see....** and surely that interference on the child play may distort some results.

We received alot of results, **the parents** email us.

We need to receive directly the score results from the children play **without adult`s interference.**

That will be our next effort.

To develop Ways & Dreams idea, for online game test playing, and online score emailing to Gendercare for an evaluation with no adult interference.

To achieve that goal we will need alot of new effort, we hope we will be able to develop.

We used RPGToolkit editor to develop Ways & Dreams 1.0 and 1.1. That very formidable resource for RPG making may not easily be played online as a multiplayer system.

We will need some time and alot of effort to develop Ways & Dreams 2.0.

We are open for all help you could provide for us.

Thank you,

Dr.Torres
Gendercare Gender Clinic
GIGS GID School

Editorial

O Futuro dos Game testes para crianças da Gendercare.com

Até agora conseguimos, com muita dificuldade, desenvolver o game test para crianças Caminhos & Sonhos 1.0, numa versão de RPG simples, que a criança gratuitamente, à partir do site da Gendercare.com pode fazer o download e jogar em casa no seu computador.

Esse sistema tem mostrado ser excelente, pelos resultados reportados **pelos pais**.

Mas os pais são sempre o problema, pois a presença deles interfere no jogo, e os escores podem vir a ser distorcidos, pois os pais têm que ver a criança jogar – o que é um enorme constrangimento para a criança – para depois nos reportar os escores, que certamente nunca representam perfeitamente a realidade da criança, **que é nosso objetivo atingir**.

Pretendemos à partir de agora dar um passo além.

Vamos tentar criar o Caminhos & Sonhos 2.0, online, em versão multiplayer, de forma que a criança jogue conectada à internet, e seus escores sejam automaticamente encaminhados, por email, para a Gendercare Gender Clinic.

Assim, e só assim, poderemos dar liberdade plena para a criança **sozinha na sua intimidade absoluta, jogar e se mostrar de forma plena**, sem qualquer interferência dos adultos.

Infelizmente o software que usamos, o RPGToolkit, que é excelente, parece não permitir a versão online multiplayer, o que vai nos causar dificuldades que podem ser enormes, pois nossos recursos são limitados e nossa capacidade na geração de games, muito limitada.

Qualquer ajuda de game makers é muito bem vinda.

Obrigada,

Dra.Torres

Clínica de Gênero Gendercare

GIGS – Escola para o Estudo da Variância de Gênero

Artigos

Esta edição é uma edição especial do GID Journal

Ela se baseia nos dois primeiros cursos de introdução ministrados pela Dra.Torres na GIGS- GID School, através do site Gendercare.com

Procuramos mostrar aqui um resumo, e uma pequena parte do como a Dra.Torres entende:

O que é realmente ser homem ou mulher;

A necessidade de se redefinir e reorientar esse paradigma;

Como se forma a Identidade de Gênero, ou seja, como se forma em nós o que faz alguém se sentir menino, menina ou se sentir oscilante ou indefinido;

Ela mostra como essa formação se dá topologicamente, ou seja, como um processo, que pode convergir ou não; que pode estabilizar ou não; que pode se tornar caótica ou não;

Ela mostra e estuda as conseqüências dessa complexidade, e como se pode diagnosticar casos complexos, levando sempre em conta topologicamente essa complexidade.

Convidamos a todos a cursarem conosco os dois primeiros cursos da Dra.Torres na GIGS GIDSchool e aos profissionais da saúde a se especializarem na GIGS sobre os assuntos de Variâncias de Gênero, entre elas os Transtornos de Identidade de Gênero.

Ser Homem ou Ser Mulher: Eis a Questão

Dra.Torres, W, M.S.

Copyright . 2001 Gendercare.com.All Rights Reserved

O mito de Falo

Como hoje definimos, ou melhor, classificamos alguém como homem ou mulher?

Que critérios consideramos para procedermos a essa classificação?

Qual é o critério prescrito pela legislação brasileira, conforme a legislação dos registros civis, previsto no Código Civil?

O critério de classificação de gênero hoje prescrito pela nossa sociedade, em seus códigos e leis, em sua tradição, é o critério *genital*. Esse critério é válido hoje, e tem sido validado ao longo de milênios, na realidade algumas centenas de milhares de anos, ao longo da história do homem.

Esse critério está introjetado no homem, em nossas leis e em nossa psiquê, de forma tão profunda, que depois que uma criança nasce com um pênis, ou mesmo enquanto feto no ultra-som mostra ter um pênis, já se afirma como coisa certa, que esse alguém tem que ser um homem. E vice versa uma mulher.

No passado, não muito distante para a escala de existência do homem como *Homo sapiens sapiens* (que hoje em dia estima-se ter surgido a aproximadamente 300.000 anos, na África), há uns 2.000 a 3.000 anos atrás, adorava-se na Grécia (Phalos, Dionisos) e em Roma (Príapus) e ainda mais penetrando no passado, no Egito (Min) o falo como um deus, o mesmo ocorrendo ainda na Índia (Linga de Shiva). O deus Falo seria uma divindade mítica infalível, na transmissão da masculinidade para o todo do ser humano..... incluindo nesse todo sua psiquê. Muitos amuletos fálicos arcaicos são um testemunho dessa divinização fálica pelo homem (existem amuletos fálicos com pelo menos 40.000 anos na Europa, e devem existir outros ainda mais arcaicos na África).

Não é de se estranhar que nesses tempos antigos, o Falo, como o poder, fosse adorado como uma divindade... naqueles tempos, e mesmo muito depois, uma criança intersexual com qualquer problema de formação genital deveria ser imediatamente sacrificada... pois não se podia desafiar os deuses, deixando que uma aberração dessas pudesse sobreviver e afrontar a divindade.

Mas o que é de estranhar é o que afirmo a seguir...

O falo, mesmo hoje em dia, consideramos como uma divindade mítica infalível na transmissão da masculinidade, inclusive da psique!

Dessa realidade não podemos esquecer! Nossa lei, nossos costumes, e mesmo nosso inconsciente admite sempre essa infalibilidade genital ATÉ OS DIAS DE HOJE... nos tribunais e na academia... nas nossas casas e em nossas mentes...

Essa relação da masculinidade com a presença do falo, e da feminilidade com sua ausência, além do embasamento teórico tradicional, está enraizado de tal forma na maneira de pensar e de perceber as coisas do homem moderno, como do homem arcaico..... como se fosse um deus, o falo ainda impera na nossa forma social de reconhecer e classificar o gênero DOS OUTROS...

O nosso gênero, cada um de nós nem pensa nisso, quando está em harmonia consigo mesmo... mas nem sempre a realidade é tão harmoniosa...

Mesmo na sociedade judia-cristã-muçulmana em que vivemos, que em principio seria devota de um Deus único e não diretamente pelo menos tão fálico, ainda agimos na prática quotidiana como se o deus Falo tivesse esse poder masculinizante absoluto, tornando-se automaticamente e de forma certa, o discriminador sexual por excelência.

Mas parece que essa divindade não é tão divina assim...

Vejamos, por exemplo, o caso de Roberta Close. Ela nasceu com uma tendência

para desenvolver uma identidade feminina, por algum motivo, tanto que mesmo sem ser incentivada a isso, a desenvolveu naturalmente. Ela diz que sempre se sentiu uma menina num corpo de menino. Mas, mesmo hoje em dia, já transgenitalizada e toda adequada para sua identidade feminina, alguém a reconhece como uma mulher? Muito poucos....

A maioria a reconhece como um homem que quis "mudar de sexo"..... mesmo no meio "artístico".... apesar de ser uma das mais belas mulheres do país.

Ela, pela legislação e justiça brasileira, ainda é um homem, porque não reconhecem seu direito a uma cidadania (reconheceram apenas recentemente em 2005) feminina.... porque ainda somos devotos fervorosos do deus Falo, mesmo na nossa sociedade atual.....

Será que o mito de falo tem razão de ser?

Nossa ciência tem avançado muito, desde o século XIX, mas principalmente no século XX. Na segunda metade do século XX, muito se desenvolveu a embriologia humana, que estuda como se desenvolve o feto humano no útero materno.

Quanto à diferenciação sexual, hoje em dia conhecemos detalhadamente as três primeiras etapas do desenvolvimento do feto humano:

1. Diferenciação sexual dos cromossomos: O ser humano tem 23 pares de cromossomos. O par 23 diz respeito à diferenciação sexual, os famosos cromossomos X (feminino) ou Y (masculino). Note-se que em todo ser humano, todos nós *temos que ter pelo menos um cromossomo X*, e podemos ter mais de um cromossomo X. Podemos ter ou não um ou mais cromossomos Y, mas pelo menos um X é obrigatório. Um organismo humano, apenas 46,0Y é letal, totalmente inviável; ao passo que o ser humano 46,X0 (síndrome de Turner) é viável. Uma mulher normal, então, será 46,XX e um homem, 46,XY. O que quer isso dizer?

Atenção!

1. Em princípio todo ser humano tem em si algum componente genético feminino para ser viável;

2. não existe realmente um processo de diferenciação, mas podem existir processos de masculinização de uma essência originalmente feminina;

3. para ocorrer alguma masculinização, há necessidade da operação eficiente de um agente masculinizador, em cada etapa da diferenciação.

2. Diferenciação sexual das gônadas: Um feto originalmente feminino (46,XX) , deverá naturalmente, apenas pelo passar do tempo, promover o desenvolvimento das gônadas em *ovários*. Para que se desenvolvam como *testículos* será necessária a ação eficiente de um gene denominado *SRY* que se encontra no cromossomo Y. Esse gene *SRY* será o agente masculinizador das gônadas em testículos.

O que são as gônadas? São glândulas, como pequenas fábricas de hormônios sexuais. Os ovários produzirão hormônios femininos (estrogênios e progesteronas) e os testículos, hormônios masculinos (androgênios), além de ambos, à sua maneira e a seu tempo, produzirem e maturarem as células para a procriação, os óvulos nos ovários e os espermatozoides nos testículos.

Importante!

4. Na etapa da diferenciação das gônadas, o principal agente masculinizador é o gene *SRY*, presente no cromossomo Y

3. Diferenciação sexual da genitália: Esta é a parte vital da diferenciação para a classificação de gênero em nossa sociedade, hoje em dia. Novamente, se não houver um agente masculinizador, o "tubérculo genital" original, que inclui uma abertura vaginal, apenas amadurecerá e se consolidará de forma feminina, *independentemente das etapas anteriores*. Isso quer dizer que mesmo sendo 46,XY, e tendo testículos, se o feto não tiver uma masculinização eficiente neste

terceiro estágio de diferenciação do trato genital, os genitais *permanecerão femininos*.

Qual é o agente masculinizador desse estágio? São os hormônios androgênicos. Quais hormônios são esses?

Os dois androgênicos eficientes para a masculinização *de todos os tecidos no corpo humano*, fundamentalmente são: a *testosterona -T* e a *dihidrotestosterona - DHT*. A testosterona é produzida pelas células de Leydig nos testículos, e a testosterona pode ser metabolizada por uma enzima chamada 5-alfa-redutase, em DHT. Quem masculiniza os genitais externos (do tubérculo original se forma o pênis) e da vulva original se soldam os lábios formando a bolsa escrotal, onde futuramente se alojarão os testículos, é exclusivamente a ação de DHT. A testosterona não masculiniza os genitais externos, apenas a ação de DHT é suficientemente poderosa para produzir esse efeito biológico.

Qual o mecanismo celular da ação de DHT nos tecidos genitais?

O DHT ativa os genes receptores de androgênicos (AR), que originalmente estão localizados no cromossomo X (no feminino!), e assim geneticamente é transmitido o efeito biológico masculinizante dos genitais externos.

Importante!

- 5.As gônadas, entre outras funções, são fábricas de hormônios sexuais;**
- 6.os androgênicos produzem o efeito biológico, pela ativação de receptores de androgênicos, de masculinização dos tecidos;**
- 7.o trato genital externo (penis e bolsa escrotal) é masculinizado exclusivamente pela ação eficiente de DHT, e não de T.**

Como vimos anteriormente, nós acreditamos, até hoje, no mito de que o pênis, como o deus Falo, tem o poder de transmitir automática e infalivelmente para quem o possui, a masculinidade, inclusive *psíquica*.

Seria isso possível? Como isso se processaria?

O mito de Hermes (o mensageiro)

Freud, no final do século XIX e no princípio do XX procurou explicar a forma como o deus Falo transmitiria a masculinidade para a psiquê. Segundo ele, a criança humana nasceria psiquicamente gênero indiferenciada, como uma "página em branco"... e a criança, com o tempo, *vendo os seus genitais, tomando consciência de seus genitais*, se convenceria de ser um menino ou uma menina.

Nos anos 50 do século XX, um importante psicólogo, professor emérito da Johns Hopkins Medical School de Massachussets, EUA, estudando casos de hermafroditismo, sugeriu com base na pretensa gênero indiferenciação psíquica do feto humano de Freud, que a criança, até seus 2 anos de idade, "aprenderia a ser menino ou menina", como aprenderia a falar (até os dois anos a criança aprenderia a falar e a se reconhecer), por ver a forma de seus genitais, e por sua criação psico-social gênero diferenciada.

Esse pesquisador, considerado então como autoridade máxima no assunto, escreveu vários trabalhos hoje utilizados como livros básicos para as faculdades de psicologia e medicina, quanto ao assunto gênero.

Em 1968, ocorreu um caso muito dramático com um gêmeo idêntico. Dois gêmeos idênticos foram circuncidados com oito meses de idade, e infelizmente um deles, por acidente, teve seu pênis totalmente cauterizado, tendo o outro permanecido normal.

Os pais, em pânico, procuraram John Money, como autoridade máxima no assunto.

Money sugeriu ao casal, que se designasse cirurgicamente o menino que teve o pênis cauterizado, como menina, através de uma neovagina. Ele alegava que o menino aprenderia a ser menina, por ver que não tinha pênis como o irmão, se adaptando naturalmente a uma educação e criação feminina.

Money publicou em 1972 e em 1975 dois livros que se tornaram fundamentais para todos os interessados nos assuntos de gênero (vide referências no final da

aula), alegando o total sucesso, com os gêmeos, de sua terapia. O menino acidentado teria alegremente aprendido a ser menina, e o irmão seria um menino normal.

Ou seja, a educação e o aprendizado social, como um mensageiro do deus Faló, como um Hermes mítico, proporcionaria à divindade fálica a forma de transmitir a masculinidade para a psiquê humana.

Durante as últimas décadas do século XX e no início do século XXI inúmeros trabalhos em neurobiologia, em neuroendocrinologia e em endocrinologia molecular, em seres humanos e em outros primatas, têm evidenciado que o cérebro humano, desde o útero, em seus tecidos basais é gênero diferenciado.... e os estudos mais modernos de neuroinformática e neuroimagem indicam que, sendo a organização neural gênero diferenciada em sua porção basal, isso demonstra que a tradução psíquica virtual, consequência dessa diferenciação neural, também deve ser gênero diferenciada, indo por terra os princípios básicos adotados por John Money.

Mas a evidência experimental dos gêmeos relatados por Money era muito forte, na academia sendo ainda considerada como mais forte que todas as outras evidências, pelos especialistas.

Surgiu então, em 1994 um pediatra da Universidade do Hawaí chamado Milton Diamond. Ele começou a investigar a situação atual vivida pelos gêmeos de Money, e qual não foi o seu susto, ao descobrir que o gêmeo designado como menina, HAVIA SIDO TRANSGENITALIZADO COMO TRANSEXUAL FtM (do feminino para o masculino), tendo passado por várias cirurgias de neofaloplastia, tendo casado com Jane, trabalhando num trabalho extremamente masculino no Canadá (como operário num matadouro), tendo três filhos adotivos e muito traumatizado estava inconformado com sua situação.

Em 2000, o gêmeo transgenitalizado (David Reimer), deixou que escrevessem sua biografia, contando toda sua história, onde ele diz que Money escrevia, com sua autoridade, o que queria, e não o que David efetivamente vivia.... enfim, houve um grande equívoco, ou mesmo uma grande desonestidade científica.

O patrulhamento ideológico, na academia, até hoje a favor de Money, é enorme. Em 2001 eu pessoalmente tive a oportunidade de ir apresentar trabalhos no XV Congresso Mundial de Sexologia, em Paris, e qual foi o meu susto ao perceber que *quase ninguém conhecia a verdade da biografia de David Reimer, mesmo em Paris* (até 2001 não havia tradução para o francês dessa biografia).

Agora o mito de Hermes, construído por Money, começa a desmoronar. O menino não aprende a ser menina, e não é menino apenas porque tem um pênis. É vice versa a menina.

O que, então, masculiniza ou não a identidade do ser humano? Quando? Como?

O mito de Hermes:

alguém aprenderia a ser menino ou menina, na infância.

A biografia de David Reimer mostra que esses conceitos surgiram e foram acatados por uma manipulação científica nada ética.

(em 2004 David Reimer se suicidou... perdendo o emprego e sendo abandonado pela mulher e pelos filhos.... e tendo também perdido o irmão gêmeo, não mais conseguiu suportar sua realidade de vida e se suicidou)

O referencial de gênero

Já vimos que o gênero é uma classificação social, feita por nós, hoje em dia com base no critério genital.... e quando ocorrem problemas imagina-se que pode-se ensinar a criança a se adaptar a nossas cirurgias de designação, quando feitas em bebês até os dois anos de idade.

Depois do desmascaramento de Money, e com as evidências da diferenciação da organização neural de gênero em sistemas fundamentais e basais, que participam ativamente da formação da identidade e da identidade de gênero (como a própria

pessoa se percebe existencialmente, como menino ou menina, ou...), precisamos repensar nossos referenciais.

Porque um homem tem que ter um pênis, e todo ser que tem um pênis tem que ser um homem?

Em primeiro lugar nós sabemos que isso não é uma verdade absoluta e infalível, e em segundo lugar, será esse referencial genital o único no qual podemos nos basear para classificar o gênero de alguém? Não existirão outras alternativas, que sejam mais coerentes, mais adequadas, inclusive sendo mais éticas e humanas? Principalmente para crianças e pessoas que tenham problemas nesses sistemas, tanto na parte genital como na parte neural?

O que é mais importante para o ser humano: ter um pênis, ou o fato de se sentir um homem? Ter um pênis, ou o fato de se mostrar como homem?

Como sabemos que nosso vizinho é um homem? Porque o vimos nu, tomando banho, pelo buraco da fechadura? Ou o reconhecemos como homem, porque ele se mostra como homem, se comporta como homem, e se identifica como homem? QUAL O REFERENCIAL mais importante, para se definir alguém como homem?

O fato de ter um pênis, ou o fato de se sentir e se mostrar como homem? Em outras palavras, qual o referencial de gênero mais importante? Qual o mais ético? O genital, o da identidade de gênero ou o do papel social?

Os genitais, o reconhecimento dos genitais, e a educação e criação, já sabemos são insuficientes e impotentes para moldar a identidade de gênero: como alguém se vê e se reconhece, como homem ou mulher. Outros fatores são decisivos nessa definição, e temos hoje evidências científicas de que o fator determinante é a diferenciação neural, que determina, ou pelo menos governa, a dinâmica da formação da identidade como síntese virtual.

Então surge um problema ético: é hoje em dia uma posição ideologicamente ética, de uma forma heterônoma e autoritária, classificarmos crianças, jovens e adolescentes, em outras palavras pessoas humanas, quanto ao seu gênero, usando como critério a forma como gostaríamos que elas fossem, à revelia de sua autonomia como pessoas?

Não é mais conveniente, e mais ético, classificar essas pessoas por seu autoreferenciamento e sua identidade e não com base numa divindade arcaica?

Quais as consequências nocivas à sociedade, de forma objetiva, se mudarmos social, jurídica e legalmente nosso referencial de classificação de gênero?

A pessoa normalmente harmônica de gênero, a grande maioria, em que o sexo neural (portanto da identidade), o genital, o de criação, o civil, o de papel social são intimamente harmônicos..... em nada seria prejudicada, com uma mudança de referencial.

Importante!

QUAL O REFERENCIAL mais importante, para se definir alguém como homem? O fato de ter um pênis, ou o fato de se sentir e se mostrar como homem? Em outras palavras, qual o referencial de gênero mais importante? Qual o mais ético? O genital, o da identidade ou o do papel social (expressão de gênero)? O que tem entre as pernas, como se sente ou como se mostra?

Por outro lado, como veremos no segundo módulo deste curso de introdução a esses assuntos, as pessoas com problemas de gênero serão enormemente beneficiadas, social, psíquica e mesmo fisicamente, se atualizarmos esse referencial, alterando-o do genital para o neuro-psíquico como vivência da identidade.

Porque não????

Para não contrariarmos a divindade fálica que sempre adoramos, mesmo inconscientemente?

A formação da identidade de gênero

Vamos imaginar uma situação muito possível e muito real:

Vamos simular da dinâmica de formação da identidade de gênero numa criança harmônica de gênero:

1º Passo: Admitamos um feto 46,XY, com ação eficiente do gene SRY, gerando no momento exato testículos, e estes operando eficientemente, produzindo testosterona-T e esta sendo normalmente metabolizada em DHT. Os genitais externos sendo conformados masculinamente pela ação eficiente de DHT em AR, que não apresenta qualquer insensibilidade na recepção e ativação por DHT. Assim, o atrator do gênero inicialmente feminino (porque humano), aos 3-4 meses de gestação se deslocará para o masculino.

2º Passo: Admitamos que de forma harmônica, pelo processo que for, o SBN(a parte basal do cérebro que é organizacionalmente gênero diferenciada desde o útero em todos os primatas humanos e não humanos) desse feto tenha sido harmonicamente masculinizado. Neste caso o atrator de gênero (masculino ou feminino) permanecerá atraindo masculinamente como num vortex, atraindo o eu virtual que se forma para um ponto definido de masculinidade.

A masculinidade ou a feminilidade neural funciona como um atrator da psiquê virtual, ou como um fractal da identidade de gênero, que pode ser feminino, masculino ou.... oscilante como um pêndulo, ou mesmo... estranho (essas denominações e esses conceitos são usados na dinâmica de sistemas complexos... como é complexo esse sistema de desenvolvimento da identidade de gênero).

3º Passo: O feto não é um ser fora de um meio ambiente. O meio ambiente do feto

é o útero da mãe, e ele troca informações orgânicas pela placenta. Portanto o feto tem uma genética, dentro de um meio ambiente. Quanto mais tranquilo for esse meio ambiente para o feto, melhor será seu desenvolvimento, neural inclusive, com um mínimo de perturbações.

4º Passo. O bebê nasce. É reconhecido como um menino normal, por seus genitais. Charutos, tudo recebe a cor azul. O menino vai ser criado como menino.

5º Passo: Ele é um menino harmônico, porque neural, genital, social e educacionalmente ele se reconhece como menino, e é reconhecido como menino. Nunca passa pela cabeça dele que poderia ser menina, ou que gostaria de ter sido menina....simplesmente é um menino, e não questiona essa realidade, que é inerente à sua identidade. Todos os reforços internos e externos confirmam essa realidade. Cada vez que seu sistema nervoso recebe um estímulo externo, pelos seus sentidos, esse estímulo atua no seu córtex específico gerando disposições. Essas disposições são transmitidas, via córtex pré-frontal (zona de convergência da síntese do eu virtual) para todos os núcleos, que reagem a esses impulsos, de forma masculina, porque o SBN-Social behavior network, definido por Newman, 2000 é masculino. A criança tem, em todos os níveis, harmonicamente, as reações esperadas de agressividade, atividade, de gostos e atitudes tipicamente masculinas para um menino de sua idade; além disso, recebe o incentivo social que reforça consistentemente essa masculinidade interior....e tudo se passa tão naturalmente, que ninguém percebe que poderia ser diferente, se houvesse alguma discordância de gênero neural interna. Tudo nele se desenvolve de forma masculina, tudo coopera para que a identidade masculina se desenvolva, como toda a água de uma pia naturalmente vai celeremente para o ralo da pia... o ralo aqui é a masculinidade.

Mas como esse menino, depois um rapaz um dia vai amar alguém?

Não sei, a vida vai definir. Ele poderá vir a gostar de mulheres, de homens ou dos

dois. Ou só de loiras, magrinhas e altas. Ou baixinhas e morenas. De cabelos compridos, ou curtos...ou de rapazes loiros de olhos azuis... tudo isso, a complexidade da vida irá proporcionar, mas esse menino, quanto ao gênero, venha a ter o comportamento que for, é um rapaz harmônico de gênero.

O modelo, a ética e a realidade

Geralmente nós confundimos um modelo com a realidade. Quando imaginamos, ou desenvolvemos um modelo, o identificamos com a realidade. Esse é um equívoco epistemológico grave.... porque nossos modelos nunca passam de modelos.

Sempre que idealizamos nossos modelos como se fossem a própria realidade, ou a expressão da realidade, nós excluimos, estigmatizamos, desconsideramos algumas, ou mesmo muitas pessoas humanas.

Por exemplo, tradicionalmente temos considerado o referencial genital, e não o da identidade, para a classificação de gênero. O Código Civil do Brasil, em sua legislação sobre os registros civis, considera a condição genital como "certa" e "fidedigna". Ou seja, idealiza o modelo, identificando-o, de forma absoluta, com a realidade. Um equívoco epistemológico grave, que estigmatiza todas as pessoas com algum dos muitos possíveis problemas de gênero. Depois do registro civil, essas pessoas, se mostrarem que a realidade, no caso delas, não se adapta ao modelo, serão classificadas como "querendo mudar de sexo", por exemplo.... o que não é verdade..... apenas elas não se adaptam *ao modelo de classificação genital* artificialmente criado por nós..... o que as exclui e estigmatiza socialmente.

Em ciência, nunca, por melhor que seja, nenhum modelo será equiparável à realidade.

O modelo que eu proponho desde minha dissertação de mestrado em sexologia que desenvolvi entre 2000 e 2002 é este, centrado na autonomia da identidade, na diferenciação neural e na formação da dinâmica da identidade,

independentemente da conformação genital. A meu ver ele é adequado para as pessoas harmônicas de gênero (como já vimos), e como mostraremos no módulo dois deste curso, é também adequado para as pessoas com problemas de gênero (chamadas de disfóricas de gênero ou com variância de gênero, ou mesmo como tendo um transtorno de identidade de gênero), mas não simula bem a realidade de pessoas andróginas de gênero, por exemplo, que são raríssimas mas existem (pessoas indiferenciadas psiquicamente de gênero, e que geralmente o são também genitalmente), e como seres humanos são importantes e um modelo melhor que o meu ainda há de contempla-las com a dialética do conhecimento.

Portanto, os modelos científicos, e os códigos e legislações, existem para o homem, para servir eticamente a realidade vivida pelo homem, inclusive suas minorias, e não o homem para as leis, códigos e teorias. Ao invés de discriminarmos crianças e jovens inocentes, devemos adequar nossos códigos e nossas leis, levando em consideração referenciais mais amplos, mais reais, mais científicos, e menos míticos.

No próximo módulo entraremos em maior profundidade nas considerações sobre os problemas de gênero.....

Para conhecer mais

COLAPINTO, J (2000)--- *As Nature Made Him* --- Portuguese translation: *Sexo Trocado- a história real do menino criado como menina*, Ediouro, 2001;

DIAMOND, M (1996)--- Prenatal predisposition and the clinical management of some pediatric conditions, *Journal of Sex & Marital Therapy*, 22(3) 1996;

DIAMOND, M & SIGMUNDSON, HK (1997)--- Sex reassignment at birth: longterm review and clinical implications, *Archives of Pediatric & Adolescent Medicine*. 151, 298-304, 1997;

FREITAS, M C---*Meu sexo real: a origem inata, somática e neurobiológica da transexualidade*, Editora Vozes, 1998;

MONEY,J & ERHARDT,AA---*Man and woman; boy and girl: The differentiation and dimorphism of sexual identity from conception to maturity*, Johns Hopkins University Press, 1972;

MONEY,J & TUCKER, P --- *Sexual signatures: on being a man or a woman (1975)*, tradução em português como “ *Os papéis sexuais*” por Editora Brasiliense, 1981;

TORRES,WF & JURBERG,P (2000)--- Ser homem ou ser mulher: a identidade neuro-psíquica de gênero como fator determinante, *Scientia Sexualis*, 6(3), 2000;

Encontra-se publicado com acesso gratuito na Gendercare.com.

ZEON PDF Driver Trial
www.zeon.com.tw

Um Novo Paradigma para a formação da Identidade de Gênero

Dra.Torres, W, M.S.

Copyright . 2005 Gendercare.com.All Rights Reserved

O que parecia óbvio se mostra muito complexo

Parecia na Antiguidade e na Idade Média que a identidade de gênero tinha que se formar, na Antiguidade pela ação de uma divindade fálica local, e na Idade Média pela ação da divindade Mosaica, pela determinação genital. Era simples. Quem não se adaptasse, morria. Bebês intersexuais e hermafroditas eram eliminados ao nascer. Tudo era muito simples.

Mais tarde, Freud baseado em suposições de Fliess ditou normas, elaborou paradigmas, estabeleceu valores como verdades. A criança seria gênero indiferenciada ao nascer, e como uma página em branco. A vida se incumbiria, ajudada por Freud, evidentemente, a estabelecer conceitos de masculinidade e feminilidade.

John Money aproveitou o bonde Freudiano, e ditou regras quase divinas: A criança aprenderia a ser menino ou menina como aprendia a falar. A natureza nada faria, apenas a criação e a tirania social estabeleceriam as normas.

Os pobres mortais acreditaram. Muitos foram torturados. Ainda mais foram excluídos, abolidos do saudável convívio social, foram trancados em guetos. Nenhuma oportunidade profissional digna, nenhum mérito intelectual poderia ser reconhecido. De assassinados subiram ao degrau de párias. Não sei o que era pior.

Hoje, depois da coragem de muitos pesquisadores e cientistas sérios, como Dornier em Berlin então Oriental; como Gorski, Pfaff e Imperato-McGinley nos USA; como Swaab na Holanda, entre muitos outros, a compreensão do que é e como se forma a identidade de gênero, e que um novo paradigma se torna essencial para nossa época.

Já vimos a base complexa e alguns fatos na formação da identidade de gênero, e na proposição de um novo paradigma.

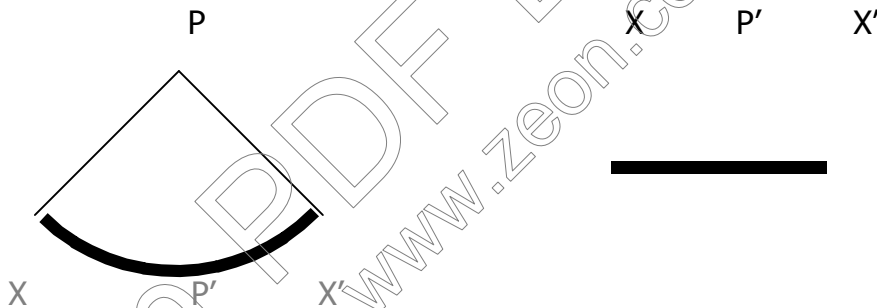
Vamos aprofundar a questão.

A trajetória e o diagrama de fase

Ian Stewart nos dá um exemplo simples mas elucidativo de um diagrama de fase.

Imagine um pêndulo ideal e perfeito. Desses entes de razão que oscilariam eternamente, não neste universo, mas em nossa imaginação.

A **trajetória** seria o ir e vir do pêndulo numa linha que vista de frente seria um pedaço de circunferência XX' , e de cima uma linha reta XX' .

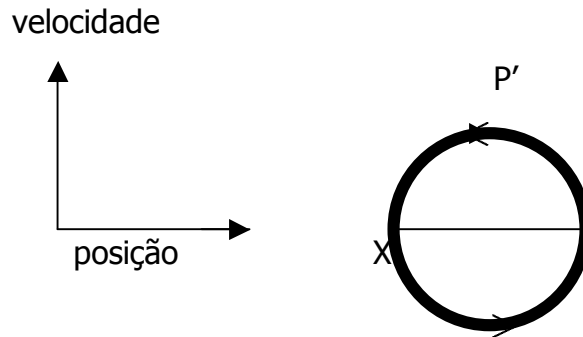


Como seria o **diagrama de fase** desse sistema do pêndulo?

Teremos que plotar num eixo a posição do pêndulo e em outro sua velocidade. Note-se que o diagrama de fase exclui o tempo como variável, ou seja, projetamos num plano todas as variáveis do sistema fora o tempo.

Indo num sentido ou no outro, o pêndulo terá sempre sua velocidade máxima no ponto P' e zero nos pontos X e X' quando o movimento mudará de sentido.

Teremos algo assim:



Melhores exemplos pode-se encontrar no livro de Ian Stewart (vide bibliografia). O que é importante perceber é que no diagrama de fase, um sistema cíclico ou periódico, mostra uma figura, não necessariamente um círculo, fechado.

Se um diagrama de fase mostra um ponto onde converge o sistema, qualquer que seja o ponto de partida, chamamos o sistema de um **ralo**, pois como um ralo numa pia, tudo o que cair dentro dela converge para o ralo.

Se o diagrama de fase, à partir de um ponto inicial, divergir para todas as direções, esse ponto é uma **fonte**.

Se o diagrama de fase se mostrar como uma sela de cavalo, onde o que está num lado da sela vai para um lado e o que estiver do outro vai para o outro, como uma sela ou um divisor de águas no diagrama de fase, chamamos de **sela**.

Poincaré verificou que a grande maioria de sistemas se comporta dessa forma, constituindo ou se compondo de formas **típicas** como:

Períodos;

Selas;

Fontes;

Ralos.

Essa matemática qualitativa e não quantitativa dos sistemas dinâmicos de Poincaré, se mostra muito eficiente em casos em que as equações diferenciais seriam insolúveis ou difíceis de solucionar, principalmente quando a percepção das formas das trajetórias, dos diagramas ou de outros parâmetros se mostram suficientes para a compreensão dos sistemas.

Nossos sistemas de diferenciação e formação da identidade de gênero certamente se adaptam perfeitamente a sistemas complexos mas que podem ser avaliados topologicamente, com base nas estruturas típicas de Poincaré.

A bipolaridade do gênero

Quase como uma unanimidade absoluta, essa bipolaridade parece certa.

Não é. Os casos de hermafroditismo de origem cromossômica e genética; os casos de intersexo de origem genética ou endócrina e os casos de transexualismo de origem neuro-endocrino-gênica, **confirmam que não é.**

Imaginemos que entre o masculino e o feminino, como dois pólos, exista um campo onde as trajetórias possam se desenvolver. Como os limites atingidos pelo pêndulo.

X e X' limitavam a possível trajetória, e assim o diagrama de fases do pendulo.

M como masculino e F como feminino imaginemos que limitem nossas possibilidades de gênero.

Tanto as trajetórias como os diagramas de fase do gênero se limitarão sempre a esses dois limites, o da masculinidade M e o da feminilidade F. Mas a identidade de gênero I não se limitará a esses dois possíveis atratores, podendo estabilizar num atrator entre esses limites, como um **ralo (sink)** ou mesmo como um **período**.

Esse **período** poderá ser razoavelmente estável, ou muito caótico e perturbado, ou seja o **período** poderá ser um **atrator estável** ou mesmo um **atrator muito oscilante e pouco estável** podendo no caso próximo à ruptura chegar a uma situação caótica e imprevisível conhecida como **atrator estranho**.

As etapas Biológicas de diferenciação de gênero

*Temos que considerar pelo menos, em nossas trajetórias e diagramas de fase, as seguintes etapas **biológicas**:*

1. Etapa --- cromossomos;
2. Etapa --- gônadas;
3. Etapa --- genitais;
4. Etapa --- SBN – social behavior network do cérebro basal;
5. Etapa --- CC- cerebral cortex do cérebro cortical;

Onde

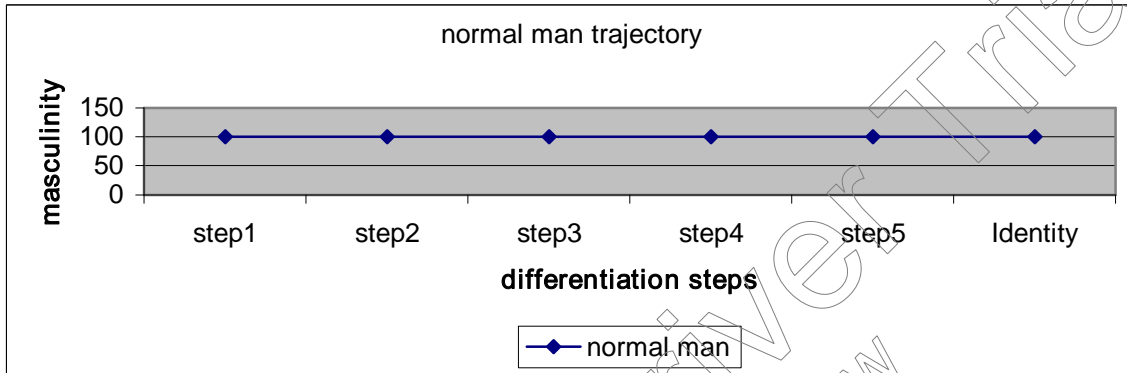
M --- Fonte (source) e/ou Ralo (sink) como atrator da masculinidade;

F --- Fonte (source) e/ou Ralo (sink) como atrator da feminilidade;

I --- Ralo (sink) ou período como atrator da identidade (sink quando bem estável e nada oscilante, e período mais ou menos oscilante e não completamente estável, quando mais complexo- quando muito complexo pode-se tornar aleatório, imprevisível e “estranho”).

Exemplos de trajetórias e diagramas de fase

Vejamos os exemplos simples e fundamentais a seguir:



Do gráfico vemos que para um homem normal, a trajetória da formação da identidade de gênero leva à convergência para o ponto M, ou seja, da masculinidade plena (vice versa para a mulher normal e feminilidade plena).

Assim, para essa trajetória podemos representar o diagrama de fases como um ponto:

.M

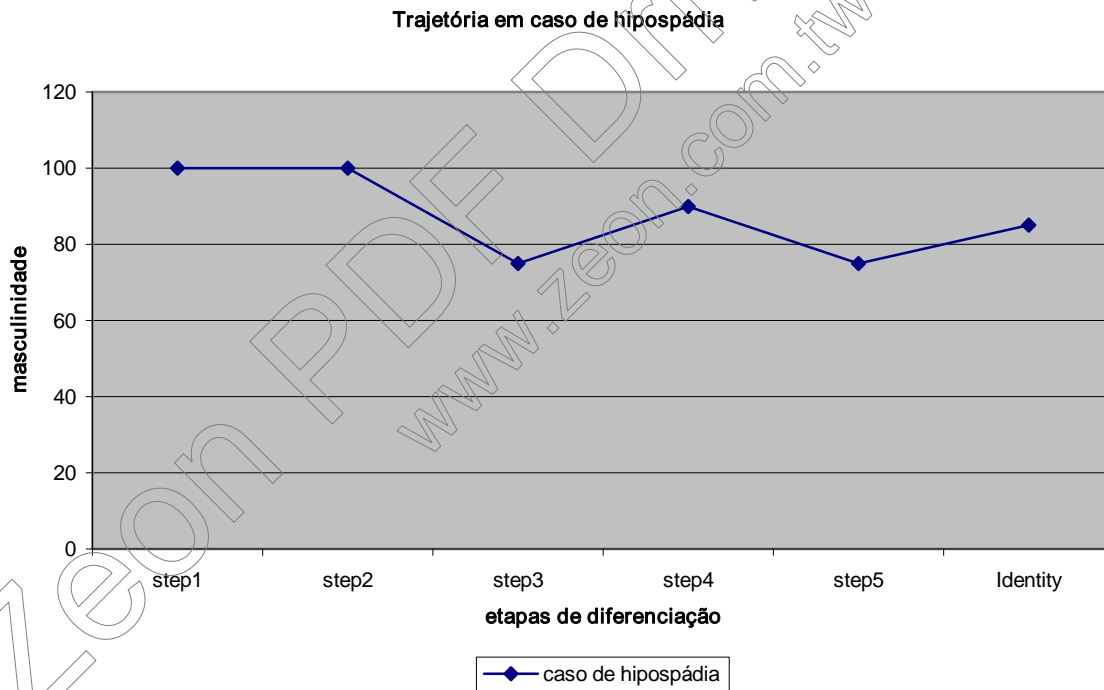
Esse ponto azul corresponde ao ponto M, o atrator de I para um homem normal (um raio perfeito, para onde todo o sistema converge de forma absolutamente estável).

Vice versa para o ponto F para a mulher normal.

Em ambos os casos, durante e após a formação da etapa 5, todos os reforços sociais e ambientais se darão no sentido de afirmar o atrator M (ou F).

Um exemplo biológico mais estranho

Vamos admitir agora uma trajetória mais estranha, um caso de intersexo conhecido como hipospádia. Neste caso muito real, a identidade I se aproximará muito de M, mas não como um ralo perfeito e centrado em M necessariamente, mas como um ralo quase período, que pode ou não se centrar em M.



Nesse caso o diagrama de fases pode ser representado como segue:



M I

F

Vemos pelo diagrama de fase que a masculinidade funciona como **fonte (source)**. Ocorre uma variação devido à hipospádia, que afeta o SBN e o CC, mas a masculinidade prevalece na formação da identidade de gênero I, que se forma como um período que quase se identifica com um **ralo (sink)** como atrator masculino. O incentivo social e cultural à masculinidade ajudará a consolidar esse atrator.

As 5 etapas biológicas não são suficientes

Que existem as 5 etapas biológicas que já mencionamos não há dúvida, na formação da identidade de gênero. Não somos páginas em branco como imaginaram Fliess, Freud, Money. Temos bilhões de anos de história em nós, desde a origem da vida. Alguns milhões como primatas humanos, algumas centenas de milhares como *Homo sapiens sapiens* e pelo menos 6 a 7 mil anos de civilização desde o início desta no interior da África, mãe de todos nós.

Essa história biológica determina em nós 5 etapas biológicas de diferenciação sexual, como em todos os primatas:

1. Dos cromossomos;
2. Das gônadas;
3. Dos genitais externos;
4. Do cérebro basal (SBN);
5. Do cérebro cortical (cérebro cognitivo)

Nos primatas não humanos, essas diferenciações **DETERMINAM a identidade de gênero**, de forma inequívoca.

4 dessas etapas, **em primatas ocorrem durante a gestação** e apenas a última é pós-natal.

Outras espécies de mamíferos carecem da etapa 5, praticamente.

Ficam apenas nas 4 primeiras etapas que para eles **são necessárias e suficientes para determinar a identidade de gênero**.

Para essas espécies, a quarta etapa se torna, pelo menos em parte, pós-natal.

Mas o primata humano é mais complexo que isso.

Mesmo depois das 5 etapas, **MESMO QUANDO EXISTE A HARMONIA E CONCORDÂNCIA NAS 5 ETAPAS** o sistema pode ser perturbado **por fatores existenciais posteriores.**

Nesses casos, essas perturbações não serão propriamente na identidade de gênero propriamente dita, mas numa estrutura que podemos chamar de papéis de gênero, que muitas vezes nessas condições podem parecer se confundir.

O equívoco de Money

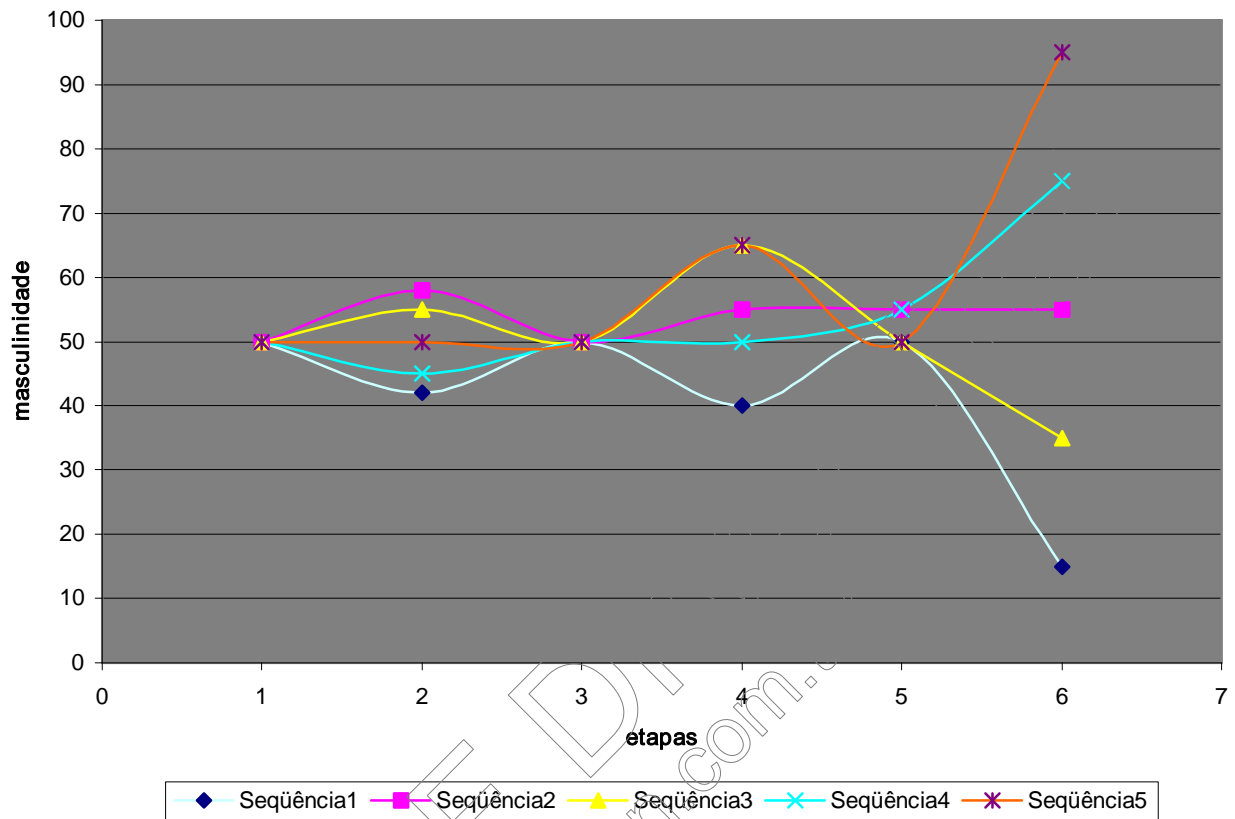
Money baseou seus estudos em Fliess e Freud, e em casos de hermafroditismo (mosaicismos).

Suas idéias pareciam funcionar.

Ele imaginou que, se funcionavam numa situação tão radical, seria uma condição geral. Aí ele se equivocou, como outros já haviam se equivocado.

Vejamos o caso do mosaicismo e sua trajetória.
Vejamos casos em que os cromossomos e os genitais ficassem quase que 50% masculinos e 50% femininos:

Trajetória de Mosaicismo Hermafrodita



É importante analisar detalhadamente esta questão e este diagrama de uma trajetória de formação da identidade de gênero de um hermafrodita típico.

Todas as etapas biológicas, de 1 a 5 se mostram muito incertas, potencialmente instáveis. Veja que partimos de uma situação de dualidade, de 50% de masculinidade cromossômica, que pode gerar uma gama de valores nas gônadas, admitimos os mesmos 50% genitais e uma incerteza total na etapa 4. A etapa 5 voltamos a admitir uma analogia com os genitais, aproximada pelo menos, mas depois... a incerteza é quase absoluta, e a periodicidade certa e provavelmente de amplo espectro de oscilação possível, ou seja, um sistema muito instável.... que aos olhos de Money pareceu.....moldável.... sugestível....

Quais as conclusões de Money?

Pessoas hermafroditas, com genitais indiferenciados e com tecidos dos dois gêneros (mosaicismos), têm sua identidade de gênero instável, maleável, moldável!

Como imaginaram Fliess e Freud!

Se manipularmos convenientemente as crianças, elas se adaptarão facilmente à situação que determinarmos, tal sua instabilidade após essas 5 etapas biológicas (ele imaginava 3 etapas biológicas, as 3 primeiras apenas, e ignorava as outras duas) de diferenciação!

Como vemos o raciocínio de Money PARA OS HERMAFRODITAS não estava equivocado, mesmo que OS MÉTODOS por ele propostos fossem sempre desumanos e NADA ÉTICOS.

E o pior de tudo foi o fato dele haver **generalizado** essa idéia, imaginando que todos, pessoas normais, hermafroditas, transexuais, crossdressers, intersexuais tivesse uma identidade maleável, como imaginou Fliess e admitiu Freud.

Evidentemente pode-se induzir e coagir uma criança, que tenha uma trajetória de formação da identidade de gênero muito conturbada biologicamente, e que termina por se tornar oscilante com um atrator deformado e periódico, a se sentir mais ou menos como gostaríamos que ela se sentisse.

Todo torturador sempre foi um especialista nisso, desde o início de nossa civilização.

Nem todos foram considerados "deuses" ou professores eméritos, nem tiveram tantas verbas federais para suas pesquisas e sua divulgação.

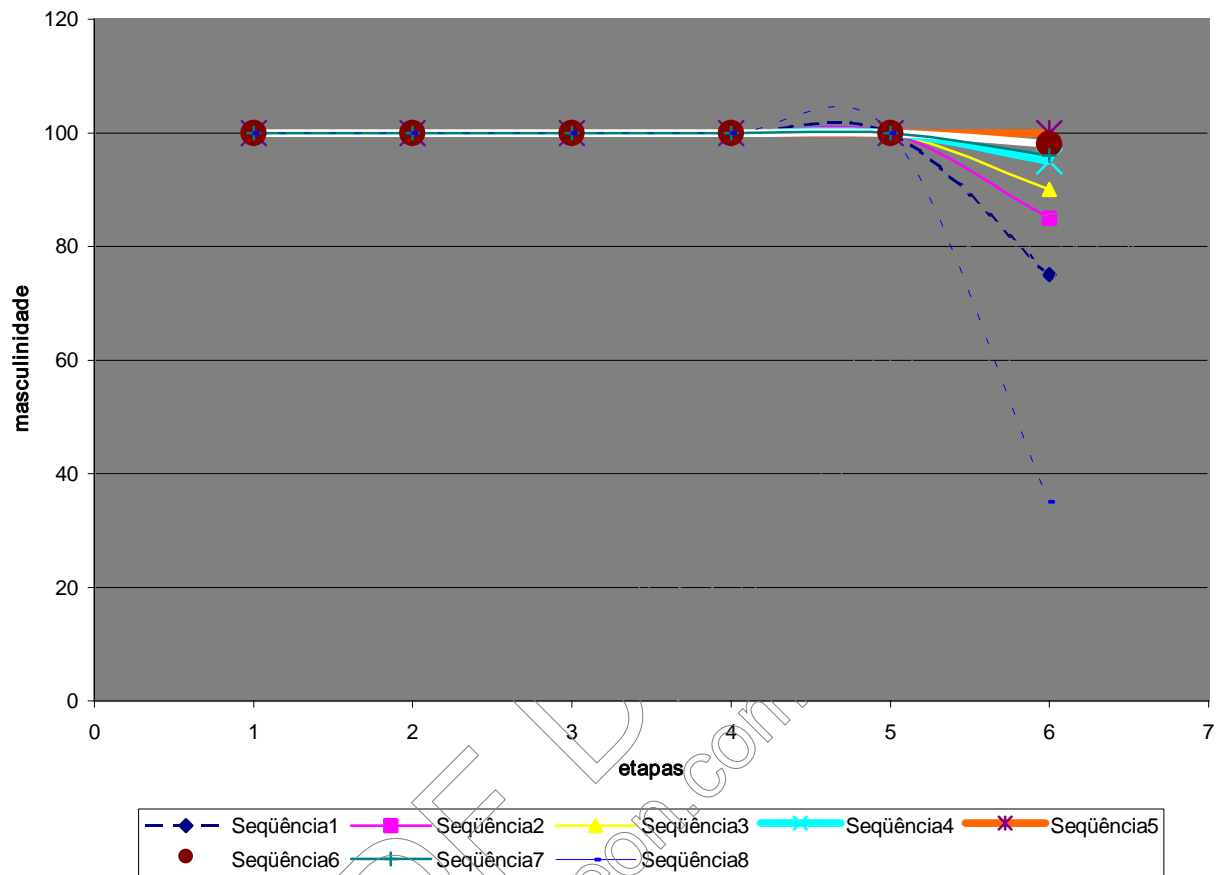
A generalização de Money foi catastrófica, pois gerou a **necessidade** de ser comprovada publicamente. Essa necessidade **certamente geraria uma vítima** e essa vítima foi John/Joan, ou melhor, David Reimer.

David Reimer não era nem hermafrodita nem intersexual. Ele foi vítima de uma imperícia médica, quando seu pênis aos 8 meses de idade foi cauterizado.

Depois John Money autorizou e sugeriu sua transgenitalização, ainda bebê, para o feminino. Criado como menina deveria se adaptar, se a identidade de gênero fosse como em hermafroditas, tão instável.

Vejamos a trajetória de formação da identidade de gênero de David Reimer:

Trajetórias de coação de David Reimer



No caso de David Reimer a situação é totalmente diferente.

As 5 fases biológicas eram absolutamente estáveis, convergentes, convergindo para um atrator masculino como um ralo, como todos os homens normais.

Money atuar sobre uma identidade oscilante e instável como de um hermafrodita era uma coisa, agora agredir uma identidade estável era outra totalmente distinta em sua base!

Vemos que a coação sob tortura pode desestabilizar o que era estável.

Mas pela reação posterior de David Reimer, vê-se que a tortura da criação inadequada **não é adequada nem eticamente aceitável, e é ineficiente para provocar a estabilidade em outro atrator, MAS PODE SER EFICIENTE PARA LEVAR À RUPTURA, AO AUTO-EXTERMÍNIO, AO SUICÍDIO.**

DAVID SE SUICIDOU.

David era um menino normal, com formação normal e harmônica da identidade, que naturalmente convergiria para o masculino como menino, num atrator simples ou **sink (ralo)**.

A incompetência de um médico o fez como se fosse uma criança intersexual, o que não era.

Tratado como se fosse intersexual, foi torturado e coagido a se transformar em quem não era. Procurou-se destruir sua identidade de gênero, e se conseguiu até certo ponto, sob tortura.

Depois, se sentiu como um transexual FtM e procurou ajuda, procurou a redesignação sexual.

Sofreu como transexual FtM.

Muito pressionado, em certo momento se suicidou.

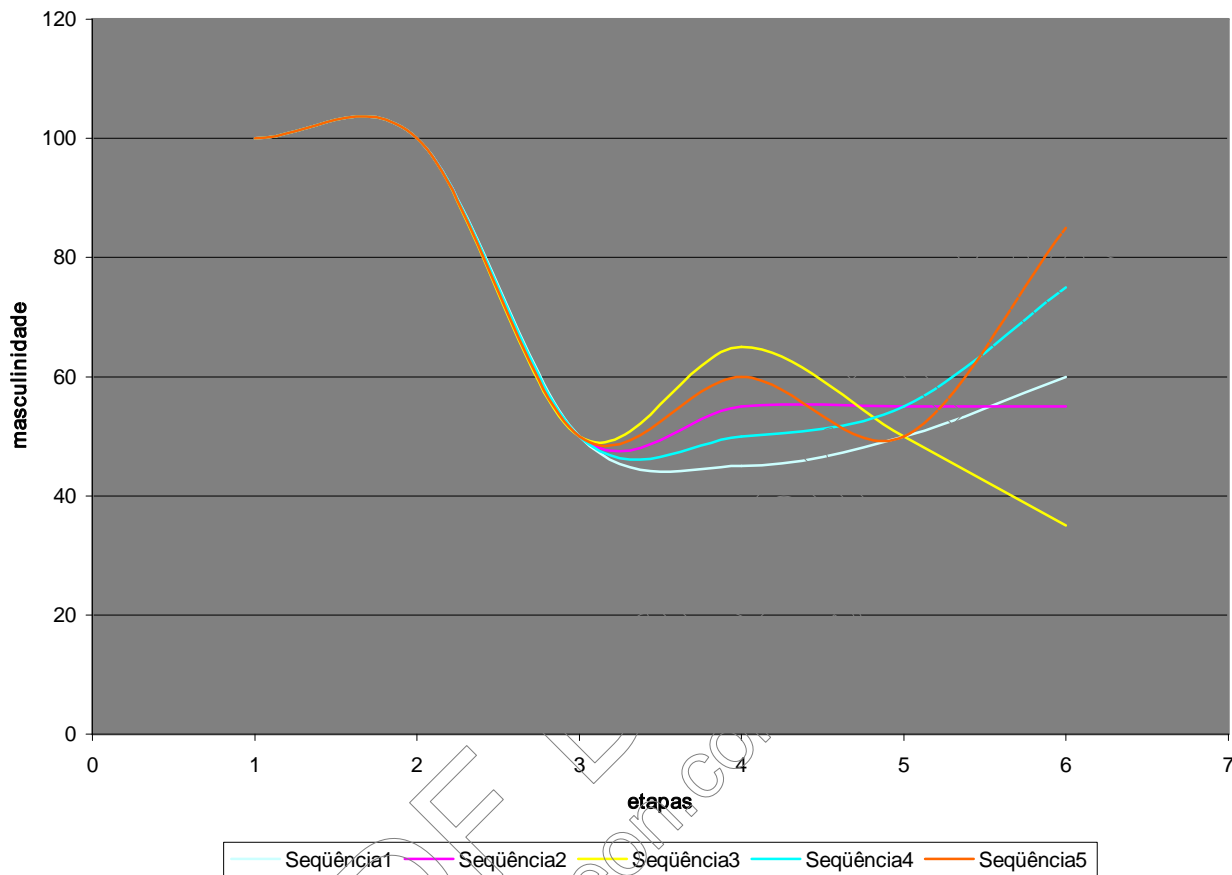
Ainda hoje **muitos defendem as idéias de Money...**

Os casos PAIS e sua vulnerabilidade às manipulações da "terapia do sexo de criação", assim como outros casos de intersexo.

Já vimos que os casos PAIS levam a formações muito complexas da identidade de gênero, e mesmo biologicamente estas complexidades levam a oscilações e indeterminações potenciais e derivadas da própria biologia nas 5 etapas de diferenciação biológica.

As trajetórias podem ser muito variáveis e complexas:

Trajetória PAIS com genitália ambígua



Mesmo partindo de uma fonte puramente masculina, e de gônadas masculinas, os genitais podem ser parcialmente masculinizados num caso PAIS.

O SBN pode ser diferentemente masculinizado, pois o processo de masculinização é diverso, os controles são mais complexos (o SBN do cérebro basal é organizado por T-testosterona e os genitais por DHT-dihidrotestosterona).

O CC-cortex cerebral tende a ser mais concordante com os genitais, pois os processos, mesmo não idênticos, são mais parecidos (ambos baseados na ação de DHT).

A identidade, meramente por fatores biológicos, pode ser instável, com um atrator em período, ou seja, numa trajetória existencial oscilante, **independentemente do meio cultural e social.**

Só por fatores biológicos nas 5 etapas fundamentais a instabilidade estrutural existe nos casos PAIS, o que faz com que essas pessoas se tornem mais vulneráveis a variações na identidade de gênero, e assim mais vulneráveis a **pressões, torturas e coações externas**, como as propostas pela terapia do "sexo de criação" proposta por John Money.

Todo caso de intersexo se torna vulnerável, não só os derivados de PAIS. Nem só derivados de uma fonte masculina. Fontes femininas também dão origem a casos de intersexo, com as mesmas periodicidades e vulnerabilidades **biológicas e estruturais** decorrentes.

Os transtornos de identidade de gênero

Existem situações típicas reconhecidas pela Organização Mundial da Saúde, consubstanciadas em normas psiquiátricas como a DSM-4 da APA-American Psychiatric Association e nas SOC-6 da Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association-HBIHDA, que estão classificadas no CID-10 (décima versão do Código Internacional de Doenças) sob a rubrica F.64.

Distinguem-se entre esses transtornos algumas situações típicas:

Transexualismo (F.64.0; F.64.2);

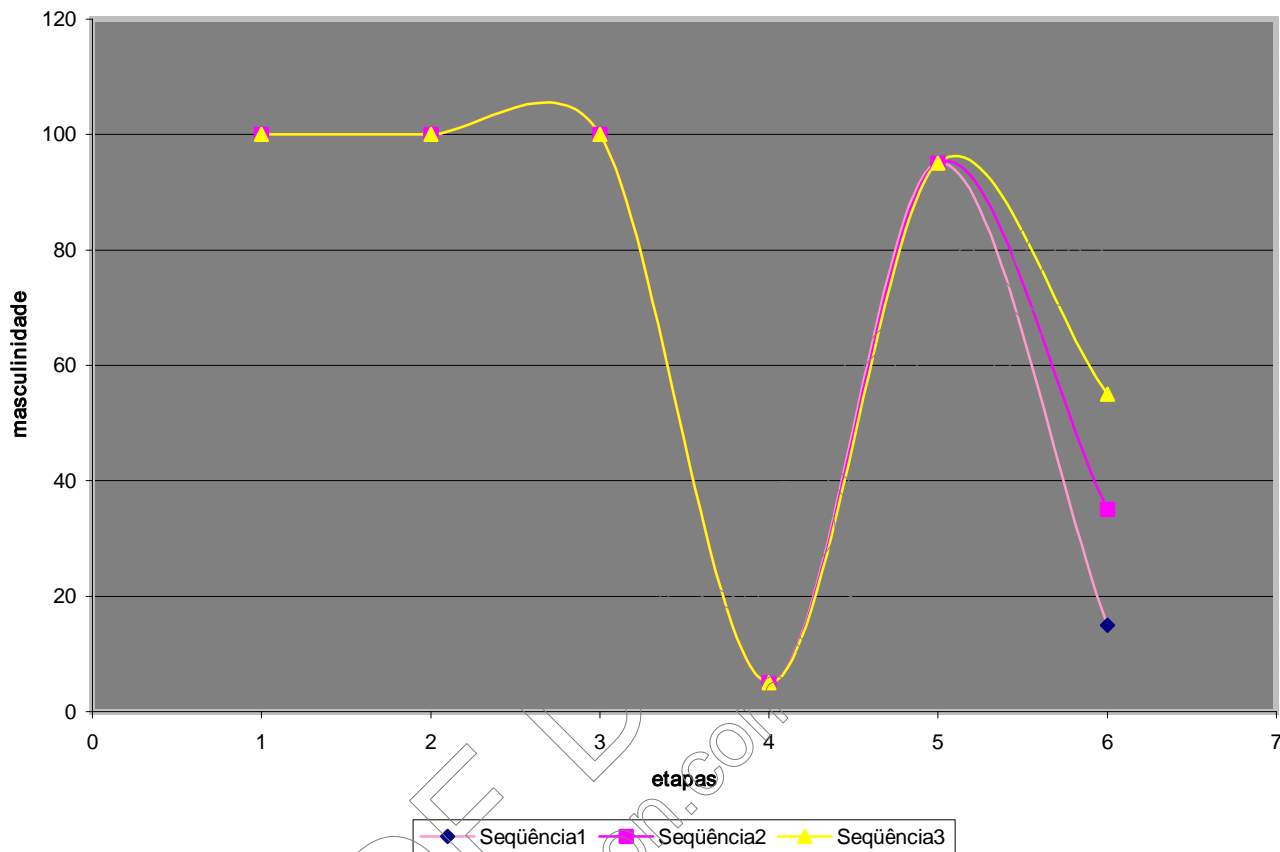
Crossdressing (CD) ou transformismo (F.64.1);

Situações não bem especificadas, entre as quais o Travestismo ou Transgênerismo (TG) classificados como F.64.8.

Transexualismo

Vamos estudar as possíveis trajetórias do transexualismo, na formação da identidade de gênero:

Trajetória Transexual MtF congênita típica



Biologicamente essas pessoas apresentam alguma fragilidade e instabilidade na formação da identidade de gênero, mas essa instabilidade é menor que no caso do intersexo ou hermafroditismo.

Mesmo assim, a vulnerabilidade a **pressões, coações e torturas** ainda é grande, e as oscilações de origem **biológica** existem.

A ruptura, com auto-extermínio ou mutilações genitais é freqüente.

A exclusão de oportunidades profissionais e sociais, pode levar à ruptura.

A ignorância de terapias mal elaboradas pode levar à ruptura, assim como diagnósticos inadequados e tratamentos mal elaborados.

Cirurgias de redesignação genital mal elaboradas e irresponsáveis podem levar à ruptura e auto-extermínio.

Por isso a preparação e capacitação de profissionais de saúde para avaliação desses casos é **essencial e fundamental**.

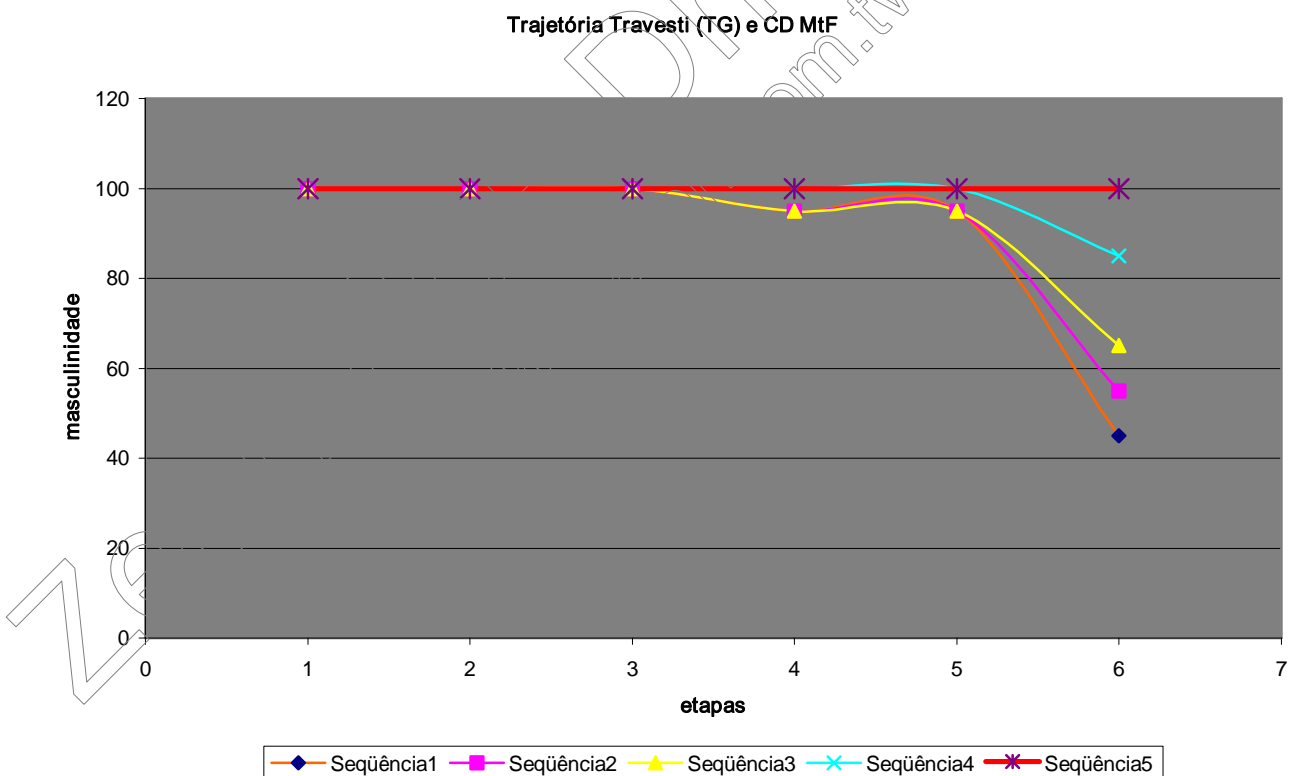
Travestismo (transgenderismo-TG) e Crossdressing-CD

Esses casos, mesmo parecendo ser congêneres ao transexualismo, na dinâmica da formação biológica da identidade de gênero são fundamentalmente diferentes.

Na formação biológica da identidade de gênero, as pessoas transexuais sofrem de uma discordância interna de gênero entre os tecidos do SBN e tecidos do CC e dos genitais e outras etapas anteriores, o que leva a uma natural vulnerabilidade a oscilações e periodicidades em sua trajetória na parte final.

Essas vulnerabilidades biológicas derivadas de discordâncias na biologia interna não existem nos casos de TG e CD.

Vide a trajetória nesses casos típicos:



Normalmente, a biologia não mostra sinais de discordâncias internas, nem no SBN nem no CC, muito menos nos genitais.

Mas, **devido a fortes experiências traumáticas precoces**, surgem casos CD e TG.

Não queremos dizer que todos os casos CD e TG têm origem traumática, mas afirmamos que em sua maioria, quando se pesquisa, se encontra etiologias em traumas oriundos da infância nos casos TG e na infância ou adolescência nos casos CD.

Um exemplo interessante surgiu num curta metragem, desenvolvido pelo Departamento de Cinema na Universidade Estácio de Sá no Rio de Janeiro. Foram produzidos por essa universidade, dois filmes em curta metragem, um deles "Candidato Camaleão" do qual a Dra.Torres participou, sendo entrevistada. Ela falou superficialmente destes assuntos e o filme ficou muito bonito. Foi apresentado no cinema da Estácio de Sá, e Dra.Torres participou de uma mesa sobre o assunto e o filme. Isso tudo no dia 25 de Novembro de 2005.

Nessa ocasião um outro filme foi apresentado, "Lady Christiny" sobre uma transgênero.

Essa transgênero (TG) evidenciou por sua história, que sua disforia de gênero **não teve origem em trauma** mas como consequência de um impulso tardio de direção homossexual, por uma pessoa específica.

Sem essa pessoa o impulso regredia, e a vontade de regredir de sua situação de transformação TG aparecia.

Fatos da vida, mesmo tardios, instabilizaram **um pouco** seu sistema de auto percepção, com motivação muito específica.

Como vemos, **nem todo caso TG é uma consequência de trauma precoce**, mas esse fato não elimina a probabilidade dessa associação **NA GRANDE MAIORIA DOS CASOS TÍPICOS TG.**

Os traumas nos casos TG geralmente são mais basais, na primeira infância, principalmente derivados de REJEIÇÃO MATERNA.

Os traumas em casos CD derivam de muito baixa auto-estima, derivando de abuso sexual ou familiar, violência doméstica ou causas similares.

Essas regras são práticas e derivam da experiência terapêutica, sem base teórica mais profunda, mas certamente são reais e importantes.

Vítimas da desestabilização de seu sistema

Tanto travestis (TG) como transformistas (CD) são vítimas da desestabilização de sistemas anteriormente estáveis.

Já sabemos que a tortura, a pressão e a coação podem desestabilizar um sistema estável, **dependendo da energia** que se fornece ao sistema para perturba-lo e desestabiliza-lo.

Voltemos ao pêndulo. A trajetória do pêndulo é um vai e vem.

Fornecendo mais energia ao movimento, o pêndulo pode se tornar um movimento rotatório em torno de um eixo.

Fornecendo mais energia, a corda do pêndulo pode romper, e o movimento será absolutamente aleatório.

Tudo depende da energia com que se perturba um sistema.

Sistemas instáveis como a identidade de gênero (determinada biologicamente) em hermafroditas e intersexuais, são facilmente desestabilizados por **torturas, coações e pressões**.

Sistemas medianamente estáveis como de transexuais, são desestabilizados com maior dificuldade, mas com mais energia também são desestabilizados.

Sistemas estáveis, como o de David Reimer, de travestis (TG) e CD`s podem ser desestabilizados por muita energia (**rejeição materna, abuso sexual, abuso e violência**) ou por **"terapias autoritárias"** como a **do sexo de criação de John Money**.

A realidade clama por um novo paradigma

A simples genitalidade, a realidade mostra, não basta.

A coação e tortura de crianças não resolve. A cirurgia autoritária em bebês intersexuais podem gerar enormes dramas.

O conhecimento liberta.

O conhecimento da complexidade do processo biológico de formação da identidade de gênero;

O conhecimento da possibilidade de desestabilização dos sistemas formados biologicamente;

A vulnerabilidade de sistemas mais instáveis;

Tudo isso leva a um novo paradigma.

Porque não propor um novo paradigma, para a classificação das pessoas como homens e mulheres.... ou.... ?????

Bibliografia

Torres,WF & Jurberg,P – Ser homem ou ser mulher:a identidade neuro-psíquica de gênero como fator determinante --- *Scientia Sexualis*, 6(3), 2000;

Torres,WF & Jurberg,P – A gender neural basal network and the dynamics for gender identity formation – *Presented at the XVth World Congress of Sexology, Paris, 2001 – later published at GID Journal 1(1),2003, with the title: Gender Identity: a dynamical neuro-psychical process ;*

Torres, WF –*Gênero: do Mito à Realidade* – Dissertação de Mestrado em Sexologia, UGF, 2002;

Torres,WF – Gender Identity formation thermodynamics – *GID Journal 2(1),2004;*

Torres,WF – Gender Identity formation dynamics I –*GID Journal 2(2),2004;*

ZEON PDF DRIVER TRIAL
www.zeon.com.tw

Um Novo Paradigma para definir o Homem e a Mulher

Dra.Torres, W, M.S.

Copyright . 2005 Gendercare.com.All Rights Reserved

O que parecia óbvio se mostra muito complexo

Parecia na Antiguidade e na Idade Média que ser homem ou ser mulher era uma coisa óbvia. Pela ação de uma divindade fálica local, e na Idade Média pela ação da divindade Mosaica, pela determinação genital, homem e mulher alguém os criou. Era simples. Quem não se adaptasse, morria. Bebês intersexuais e hermafroditas eram eliminados ao nascer. Tudo era muito simples.

Depois de nosso curso de Introdução e ao final deste curso que mostra a dinâmica complexa da formação biológica, e depois das perturbações ambientais da identidade de gênero, o que parecia tão simples se mostra tão complexo.

As 5 etapas biológicas não são suficientes

Que existem as 5 etapas biológicas que já mencionamos na formação do se sentir homem ou mulher, não há dúvida. Que não somos páginas em branco como imaginaram Fliess, Freud, Money, também não.

Que temos bilhões de anos de história em nós, desde a origem da vida, fora George Bush, eu acho que ninguém mais duvida.

Que nos primatas não humanos, as cinco etapas de diferenciações são necessárias e suficientes para **DETERMINAR a identidade de gênero**, de forma inequívoca, ninguém também duvida.

Que o primata humano é mais complexo que isso, também não podemos duvidar.

Mesmo depois das 5 etapas biológicas de diferenciação, **MESMO QUANDO EXISTE A HARMONIA E CONCORDÂNCIA NAS 5 ETAPAS** o sistema pode ainda ser perturbado **por fatores existenciais posteriores** e principalmente em sistemas mais instáveis, como no caso de intersexuais e hermafroditas, e um pouco menos em transexuais, pressões sociais do ambiente podem perturbar o sistema.

Por outro lado, David Reimer (John/Joan), travestis (TG) e transformistas (CD) mostram que mesmo havendo muita estabilidade no sistema, **muita agressividade e verdadeira tortura na primeira infância pode interferir no sistema.**

David Reimer foi torturado pela falsa terapia de John Money desde bebê; Travestis se vêm torturados por rejeição materna e violência doméstica, na quase totalidade dos casos; Transformistas se mostram quase sempre vítimas de abusos na infância ou adolescência, de abuso sexual, de quebra da auto-estima, de abuso por violência geralmente familiar.

Ser homem ou ser mulher não é tão simples como imaginavam nossos legisladores, quando na lei dos registros civis admitiam como certa a identificação genital.

Não podemos mais matar os bebês e as crianças problema.

Um novo Paradigma, uma nova lei

Tudo precisa mudar, tudo precisa ser revisto.

O que é bom é que hoje temos novos resultados de pesquisas e evidências para propor algo novo, mais verdadeiro e duradouro, para o reconhecimento do que é ser homem ou mulher.

Não pode ser homem, não pode ser reconhecido e visto como homem, quem não se vê como homem, quem não se enxerga como homem, quem não se reconhece como homem.

Certamente a própria pessoa se reconhece melhor do que podemos conhece-la.

Infelizmente ainda estamos engatinhando no nosso aprendizado do respeito pelo outro, pela criança, pelo bebê e o adolescente.

Numa sociedade eivada de fundamentalismos, tanto religiosos, como raciais, políticos e ideológicos, fica difícil respeitar e se fazer respeitar. Mas esse é o caminho do mundo que se pretende civilizado.

No lugar da barbárie genital, que necessita para se manter, que se mate bebês, que se torture crianças, que se despreze adolescentes e que se ofenda o outro, precisamos de um novo paradigma, que seja mais verdadeiro, que não elimine mas inclua, que respeite e não mate ou exclua.

É hora de pensar esse novo, esse mais verdadeiro, esse respeito que a todos é devido.

Palavras, em nossa sociedade não bastam.

São necessárias leis.

A Corte Européia dos Direitos Humanos está certa, e tem caminhado muito na busca da lei e do direito, do respeito e da dignidade de todos. Mas muito está por fazer, e temos todo um universo por reconstruir, e toda uma legislação a criar.

O que é ser homem ou mulher

Ser homem agora sabemos ser mais uma questão de trajetória na formação da identidade de gênero do que na mera conformação genital externa.

Em muitos casos a trajetória irá desembocar num ralo masculino, partindo de uma fonte masculina. **Nestes casos, os genitais parecem definir** apenas circunstancialmente a masculinidade do atrator.

Na Holanda de hoje se adotou um modelo muito bom para se definir um homem.

Se ALGUÉM nascer com genitais masculinos, e sem tortura ou coação jamais se sentir mal com isso; **independentemente de quem ele vier a gostar, se com orientação sexual para homens, mulheres, os dois ou nenhum, ELE É UM HOMEM.**

Nesse caso tudo se passa como se os genitais estabelecessem a identidade, e nada muda.

Vice versa para as mulheres.

Por outro lado, se ALGUÉM nascer com os genitais masculinos, e se sentir mal com isso, a ponto de desejar alterar seu corpo, incluindo seus genitais; **independentemente de quem ele vier a gostar, se com orientação sexual para homens, mulheres, os dois ou nenhum, ELA É UMA MULHER.**

Nesse caso, como transexual MtF, ela terá o direito a diagnóstico, tratamento e cirurgias corretivas, e a ser reconhecida plena e irrestritamente como MULHER, após a cirurgia de transgenitalização, com emissão automática de novos papéis, nome e cidadania.

Ou seja, a lei permite a revisão do registro genital anterior, como se o primeiro registro civil fosse provisório e o posterior o definitivo.

Aqui está o cerne da questão. AO NASCER, PELA ANÁLISE DOS GENITAIS PODE-SE DAR UM REGISTRO DEFINITIVO?

O sistema de registros

Os criadores de animais valiosos, os Stud Books sabem melhor que os registros civis, como classificar indivíduos pelo que eles são, e por como mostram ser e definem o que ou quem são.

Nenhum Stud Book que se preza vai registrando definitivamente um potro ao nascer, um puro sangue Árabe por exemplo, só com base no que o proprietário diz.

Acredita-se na honestidade do proprietário e seus veterinários, mas não de forma absoluta. Ao nascer, um potro recebe um **registro provisório do Stud Book** e não mais do que isso.

Três anos depois, geralmente, quando o animal estiver adolescente quase adulto, numa exposição ou no haras, um enviado autorizado do Stud Book da raça irá verificar o potro, e verificará **se ele apresenta características condizentes com sua raça** e só se sua avaliação for positiva em todos os aspectos, ele passará a ter um **registro definitivo** como um puro sangue Árabe.

Se uma raça de *Eqüinus caballus caballus* pode ter essa deferência em seu registro, de ter seu registro confirmado "a posteriori" com base na sua realidade, porque o mesmo não podemos proporcionar ao *Homo sapiens sapiens* quando este pode ter problemas? Quando ele revela que tem problemas com esse registro?

Porque não proporcionar aos seres humanos, no nosso mundo civilizado, o direito ao registro em duas etapas?

Entre os animais puro sangue, todos precisam ser revistos antes do registro definitivo para que não ocorram fraudes. Entre humanos, a condição do registro provisório ser o definitivo seria a condição "default", ou seja, o registro definitivo com eliminação do primeiro seria natural, mas só para casos em que a própria pessoa necessitasse.

Não através de processos e burocracias, mas bastando um requerimento ao registro civil, anexando-se os laudos dos médicos, especialistas, clínicas e cirurgiões que avaliaram, solicitaram, permitiram e efetuaram os procedimentos de transgenitalização e readequação social.

Já no processo de avaliação desses casos se emitiria uma documentação simples prévia, afirmando que a pessoa estava em análise.

Terminada essa análise haveria ou não a redesignação.

Qual o problema?

Para bebês hermafroditas e intersexuais com genitais com sinais de má-formação, desde hipospádias até os casos mais graves, ao nascer, na hora do registro provisório já seria feita a ressalva de que a criança permaneceria em análise e que a qualquer momento **com a aprovação expressa da criança**, se poderia pensar em rever a documentação preliminar.

Qual o problema?

As divindades? Ora.... as divindades...!!!!

Bibliografia

Freitas,MC (pseudônimo de Torres,WF) – *Meu sexo real: a origem inata, somática e neurobiológica da transexualidade* – Editora Vozes, 1998;

Torres, WF – *Gênero: do Mito à Realidade* – Dissertação de Mestrado em Sexologia, UGF – Universidade Gama Filho, RJ, 2002;

ZEON PDF DRIVER TRIAL
www.zeon.com.tw